

PERSPECTIVAS DO PARQUE PROLETÁRIO DA GÁVEA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DA AGÊNCIA NACIONAL E DO ACERVO DE ANTHONY LEEDS

Aluno: Eric Damião Duarte

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

Introdução

As fotografias podem ser lidas como vestígios de determinados acontecimentos, sendo essenciais para manter a memória viva. Por meio das fotos podemos viver experiências diversas e atemporais além de fazer viagens por lugares distintos e distantes.

O presente trabalho é a terceira etapa de uma pesquisa sobre o Parque Proletário da Gávea desenvolvido por mim como bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Memória da PUC-Rio. Nas pesquisas anteriores tentei retratar o modo de viver no Parque e as remoções ocorridas no local durante a década de 1960 e a primeira metade da década de 1970. Anteriormente também trabalhei com algumas fotografias, no entanto, sem me aprofundar em uma leitura mais reflexiva a partir de uma base teórica sobre as mesmas.

Nessa etapa da pesquisa minha proposição é uma análise das fotografias de forma interpretativa, buscando entender o olhar dos fotógrafos. As fotografias do Parque Proletário da Gávea com as quais trabalharei fazem parte do acervo da Agência Nacional depositado no Arquivo Nacional e do acervo de Anthony Leeds, pertencente à Fiocruz. As imagens utilizadas são um rastro de fragmentos de memória e, me utilizando delas, pude formar uma série de fotografias do Parque Proletário da Gávea, em cópias digitais, no Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Objetivos

Essa pesquisa tem como objetivo a análise e reflexão acerca das fotografias do Parque Proletário da Gávea do acervo do Anthony Leeds e das fotografias do acervo da Agência Nacional. Esse objetivo mais geral se desdobra nos seguintes objetivos mais específicos:

1 – Análise das fotografias da Agência Nacional, contextualizando a conjuntura política da época e o controle da imprensa pelo Estado Novo;

2 – Reflexão teórica sobre a série de fotos tendo como referência os trabalhos de Susan Sontag e Roland Barthes e suas visões sobre o significado da fotografia e do ato de fotografar;

3 – Análise das fotografias de Anthony e Elizabeth Leeds por meio de uma descrição densa [1], segundo a noção proposta pelo antropólogo Clifford Geertz;

4 – Analisar a ideia do vazio e de como ele é presente em algumas fotografias, mas escondido em outras através da manipulação imagética, tendo como referência o texto de Andreas Huyssen intitulada *Os vazios de Berlin*

5 – Refletir sobre as cicatrizes deixadas no tecido urbano, na história do bairro da Gávea e na memória da PUC-Rio após a remoção do Parque Proletário da Gávea.

Metodologia

Para a elaboração dessa pesquisa foram analisados fotografias e textos acadêmicos. Esses materiais ajudaram na caracterização imagética do Parque Proletário da Gávea e na reflexão teórica acerca do tema trabalhado.

Após a realização de visitas à Fiocruz para pesquisar o acervo de Anthony Leeds para as etapas anteriores da pesquisa, montei uma pequena série, juntamente com a documentação encontrada no Núcleo de Memória da PUC-Rio, com fotografias e documentos do antropólogo. Após o levantamento da documentação lá encontrada, foram separadas algumas fotografias do Parque Proletário da Gávea e então surgiu a ideia de fazer uma análise mais aprofundada das fotografias.

Do ponto de vista das referências teóricas, Susan Sontag afirma em *A Caverna de Platão* [2] que é essencial ao analisar uma fotografia saber que ela encerra uma narrativa, desse modo, a imagem pode ser compreendida dentro de um todo e ter um sentido maior, e não só preencher lacunas em nossas imagens mentais. Roland Barthes, por sua vez, em seu texto *A mensagem fotográfica* [3], no qual trabalha com os conceitos de análise conotativa e denotativa, defende a possibilidade de múltiplas interpretações de uma mesma foto a partir da percepção por diferentes olhares.

O texto *O rastro e a cicatriz*, da autora Jeanne Marie Gagnebin [4] é fundamental para a construção do trabalho, porque é por meio da documentação encontrada nos três últimos anos de pesquisa que se formam os rastros fotográficos que permitiram a pesquisa avançar até esse ponto. O processo da cicatrização permite entender que mesmo após a remoção do Parque Proletário da Gávea ainda existe uma ferida comprimida pelo apagamento do local. A autora opera com a relação entre os trabalhos da memória e o trabalho de luto, os rastros e as cicatrizes, sendo peça chave para trabalhar a questão dos vazios, tal como proposta por Andreas Huyssen [5], e que podem ser apropriadas para trabalhar o vazio deixado após as remoções do Parque, e as cicatrizes e rastros deixados nas memórias dos moradores, da cidade, do bairro e da PUC-Rio.

Conclusão

O Parque Proletário da Gávea, removido em meados da década de 1970, deixa cicatrizes no bairro da Gávea e na memória da PUC-Rio que, apesar de encobertas, ainda são lembradas por ex-moradores e pessoas que tiveram contato com o local.

Os registros fotográficos servem como evidência das ações tomadas no local, que passa de projeto ideal em 1942 à favela a ser removida definitivamente em 1974. O local, repleto de memórias, fica submerso. É aterrado para construções não concretizadas e torna-se estacionamento da PUC-Rio e local do canteiro de obras do metrô. O espaço que já foi moradia de inúmeras famílias agora serve como passagem e é utilizado por pessoas que sequer sabem que o Parque já esteve ali um dia.

Referências

- [1] GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p. 13-41.
- [2] SONTAG, Susan. Na caverna de Platão. In: **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004. p.8-19.
- [3] BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: **Teoria da Cultura de Massa**. Luiz Costa Lima (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 325-338.
- [4] GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. In: **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 107-118.
- [5] HUYSSSEN, Andreas. Os vazios de Berlim. In: **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 8-116.